

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 17 – n.º 73-74 – Outono de 2014

ÍNDICE	1		
DECLARAÇÃO			
Sobre-Realismo em tempos de Café Gelo / Gelo em tempos de Surrealismo	3		
I SURREALISMO & CAFÉ GELO	5		
Manuel de Castro	7		
Cartas inéditas a Helder Macedo com nota deste	9		
Carta inédita a Carlos Loures com nota deste	13		
Poema em catalão por Fêlix Cucurull	15		
Ricardo Ventura			
O espólio de Manuel de Castro	17		
Manuel de Castro (<i>Inéditos</i>)	20		
António Barahona			
Mágico, Manuel	25		
Vasco			
Manuel de Castro & Gelo	28		
Luiz Pires dos Reis			
A estela mântica do mito: a rútil construção da argonau	29		
Miguel Filipe Mochila			
Quem tem medo do surrealismo	32		
Maria Estela Guedes			
Sobre Manuel de Castro – um texto de Herberto Helder	35		
Maria de Fátima Marinho			
Vertigens do lugar	39		
Jorge Telles de Menezes			
Manuel de Castro: a Luz em viagem	42		
António Cândido Franco			
Manuel de Castro: os versos de gelo	47		
Arthur Rimbaud			
Últimas palavras escritas	51		
Luís Amaro			
O melhor 'retrato' de Mário Cesariny	52		
António Salvado			
Ao Mário Cesariny, aqui	54		
Virgílio Martinho			
Sábado Festa	55		
Luiz Pacheco			
Carta inédita a Virgílio Martinho	56		
Manuel Silva Ramos			
Visita a Luiz Pacheco	58		
Carlos Mota de Oliveira			
Poema-homenagem	59		
Almerinda Pereira			
Luiz Pacheco: notas sobre um pedido de pão	60		
Maurícia Teles			
Luiz Pacheco	62		
Sofia Santos			
Luiz Pacheco: uma literatura descarnada	63		
		Nicolau Saião	
		Como o outro que diz	65
		Pedro Oom	
		Carta a Nicolau Saião com notas	68
		Três poemas	69
		Alfredo Margarido	
		Um semi-inédito de 1957	71
		Surrealismo negro	72
		Paulo Jorge Brito e Abreu	
		Bon sauvage	77
		Fernando Botto Semedo	
		Mário Cesariny – a casa da poesia	78
		Laurens Vancrevel	
		Walking down the streets with Mário Cesariny	79
		Carla Ferreira de Castro	
		Passeando nas ruas com Mário Cesariny	80
		António Cândido Franco	
		O renque tão decisivo do mar e do céu marinho	81
		Isabel Meyrelles	
		Entrevista	82
		Arnost Budik	
		Carta inédita a Cruzeiro Seixas	85
		Manuel Neto dos Santos	
		Homenagem a Cruzeiro Seixas	87
		Raul Leal	
		Carta inédita a Almada Negreiros [trecho] anotada por Manuela Parreira da Silva	88
		Ruy Ventura	
		Dois testemunhos de Manuel D'Assumpção	90
		Manuel de Castro entrevista D'Assumpção	93
		D'Assumpção	
		Carta inédita a João de Vasconcelos anotada por Ruy Ventura	94
		António José Queiroz	
		O Pintor	95
		Manuel Hermínio Monteiro	
		Pascoaes de avião	96
		A morte não existe	96
		Teixeira de Pascoaes	
		Carta inédita a Albert Vigoleis Thelen	97
		João Mendes de Sousa	
		No Gancho de António	99
		Nunes da Rocha	
		Gancharia	100
		Ângelo de Lima	101
		Manuel Villaverde Cabral	
		Radicalidade estética, radicalidade política	106
		Luiz Pires dos Reis Donis de Frol Guilhade	
		Varik ou a gesta orgânica na cidade mineral	107
		Amadeu Baptista	
		Viagem nocturna	109



Manuel de Castro
(Santa Cruz, 1958)

MANUEL DE CASTRO - OS VERSOS DE GELO

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Entre as muitas leituras possíveis da pequena grande obra de Manuel de Castro, quase todas por apontar, o que é escandaloso, uma me parece digna de surgir em primeiro lugar – a capacidade que mostra em condensar símbolos colectivos geracionais, por aí se tornando uma das mais representativas da geração em que se insere, o grupo do Café Gelo. O nome de baptismo do grupo tem já um riquíssimo simbolismo. Referimo-nos menos ao lugar, já ele valioso, dada a tradição anarquista que Aquilino algures lhe deixa, e que vinha do século XIX, do que à palavra. Gelo! Ai está uma palavra, miúda, com quatro letras, que na década de 50 do século XX, em plena Guerra Fria, era capaz de dar conta da situação internacional, além da interna, mais imediata, mas não menos fria, a da ditadura salazarista. O alcance da palavra vai ainda mais longe, ou mais fundo, ou até para outro lado, abandonando o contexto histórico ou geracional. O dissílabo cobre a própria transpiração do verbo de Manuel de Castro. É com gelo que ele faz os versos. A poesia de Manuel de Castro é uma poesia líquida, feita de água, mas água sólida, alimentada pelo ardor máximo do frio, do frio que mata. É uma poesia fria e ardente, sólida e transparente.

Helder Macedo, no pequeno memorial que dedica ao grupo, “Raposa branca num campo de neve” (revista *Relâmpago*, n.º 26, 2010, p. 140) fala do *congelador*, acertada figuração de muitas coisas. Em primeiro lugar o café do lado ocidental do Rossio, que se chamava Gelo. Não podemos deixar de tomar esta coincidência por uma objectivação casual, isto em época em que M. Cesariny punha em cena o jovem mágico de *Pena Capital* (1957). Depois o gelo era o país estrangulado pela mão cínica dum homem de sacristia; depois ainda o mundo congelado pelo medo do pugilato atómico das duas potências. Por fim, mais do que todos os outros, mas em concordância com eles, fora do contexto, no centro desses círculos concêntricos, como núcleo, estão os versos do Poeta, feitos eles também com o fogo gelado do gelo. Não há o mínimo visco nos versos de Manuel de Castro. Os seus versos e a sua prosa transvasam um frio que incendeia e gela no mesmo passo. São versos hialinos e finos, incolores e límpidos, que cortam e ferem como o vidro. Glosando de forma diferente o que poeta António Barahona diz dos versos de Manuel de Castro noutra página desta revista, não nos parece haver em portuguesa língua versos tão ardentemente gelados como estes. Têm a transparência do vidro, a finura da lâmina, ao mesmo tempo que irradiam a repulsiva rigidez da morte.

Nenhum outro grupo da época em Portugal, entre todos os que surgiram nas décadas de 50 e de 60, assegura uma universalidade tão ampla e tão representativa como o grupo do Gelo. E talvez nenhum outro poeta do grupo, que os tem em bom número e de excelente qualidade, se tenha adiantado como ele, Manuel de Castro, a escrever uma poesia tão representativa da geração e do grupo. Na verdade nenhum outro poeta do grupo escreveu como ele os versos com um pedaço de gelo. Há muito ardor em geral nos poetas que o rodeiam, ardor e fúria, e basta para isso pensar nos versos de Herberto Helder, nos de António José Forte ou nas linhas de Ernesto Sampaio ou até nas de Virgílio Martinho, mas todos eles tiram o ardor mais do fogo e menos do gelo. Os versos de Manuel de Castro são os únicos que vão buscar o estado de ardor ao gelo, à sua mortalha, e não ao fogo ou ao álcool.

Abro o livro de estreia de Manuel de Castro e leio o primeiro poema, “Paralelo W”, que dá nome ao livro, e nele encontro símbolos geracionais fortes, como a *geração angélica e terrível*. A locução é forte e aderente – além de ardente. Apetece perguntar: que geração é esta? Responde por um lado a história do Grupo do Gelo; por outro o poema. É a geração que se vai *iniciar e ter um nome diferente* e que surge *no tempo em que morrem os Príncipes/ e se iniciam os ritos bárbaros da Grande Velocidade*. Se os príncipes que morrem podem deixar a pairar no ar, em poesia tão pouco referencial, uma dúvida sobre quem são, já os *ritos bárbaros da Grande Velocidade*, com facilidade se captam a partir duma situação técnica, que, efeito ainda da guerra, se espalhou no dia-a-dia do Ocidente. É ela a névoa glacial do pesadelo gelado a que se chamou Guerra Fria. *Ritos bárbaros da Grande Velocidade*, diz ele. Eis um verso escrito com gelo, um verso que, não perdendo ardor e incêndio, gela e mata como veneno. Não se trata dum verso frio – como os do autor de *Morte e Vida de Severina* podem ser – mas dum verso gelado. Com a mesma matéria hialina se escreve a locução, belíssima de resto, a *geração angélica e terrível*, o mais directo e certo apodo que o grupo do Rossio lisboeta para si tomou, mas que não deixa de produzir um calafrio. Quer a Guerra Fria, quer os versos de Manuel de Castro